

# Cineasta suíço filma vida de Geraldo de Barros

O diretor Michel Favre começa a rodar em fevereiro um documentário sobre a obra do pioneiro da fotografia experimental no Brasil, também um dos primeiros artistas concretos e renovador do design no País

ANTONIO GONÇALVES FILHO

A vanguarda brasileira tem uma dívida enorme com o fotógrafo, pintor e designer Geraldo de Barros, morto em abril do ano passado, mas quem vai pagar esse tributo é o cineasta suíço Michel Favre, que começa a filmar no próximo mês um documentário sobre o artista, um dos pioneiros da fotografia experimental e da arte concreta no Brasil. Geraldo de Barros também vai ser homenageado pelo Museu Ludwig de Colônia, que abre em agosto a maior retrospectiva da obra fotográfica do artista, exposição que segue depois para o Musée de l'Elysée de Lausanne.

De Genebra, na Suíça, o cineasta Michel Favre falou com exclusividade ao **Estado**, por telefone, revelando como será o documentário de 60 minutos, uma co-produção entre Brasil e Suíça com fotografia do veterano Mário Carneiro (*O Padre e a Moça*, *Porto das Caixas*) e trilha assinada pelo músico suíço Peter Scherer, produtor musical do disco *Estrangeiro*, de Caetano Veloso.

Esses nomes bastariam para garantir a qualidade do documentário, mas Favre, apesar de pouco conhecido no Brasil, assinou premiadas produções em seu país, entre elas reportagens como *Armênia/Jerusalém* (1990) e documentários para a televisão suíça como *Prisonnier en Iran* (1993). Casado com uma das filhas de Geraldo de Barros, a artista plástica Fabiana, o cineasta descobriu a obra do sogro há sete anos, identificando-se imediatamente com o experimentalismo do artista brasileiro.

"Fiquei impressionado porque tínhamos um olhar muito próximo e ele sentiu o mesmo quando lhe mostrei meus filmes experimentais", diz Favre, que ajudou a mulher Fabiana a organizar o arquivo fotográfico e a recuperar os negativos de Geraldo de Barros, hoje guardados no Musée de l'Elysée em Lausanne. Essa coleção com mais de 300 obras tem os primeiros exemplares de fotografias produzidas no Brasil com intervenção de ponta seca (ele riscava os negativos) e nanquim, além de imagens criadas em laboratório com exposição direta da luz do ampliador sobre o papel sensível, usando cartões perfurados de antigos computadores.

O experimentalismo do fotógrafo não perseguiu apenas formas inauditas. A arte, para Geraldo de Barros, estava intimamente ligada ao desenvolvimento social. Em 1948, quando as famílias usavam a câmera Rolleyflex para registrar piqueniques na praia, Geraldo já produzia imagens revolucionárias, provando que a fotografia, assim como a pintura, não nasceu para a representação, mas para a interpretação do mundo real. Ele captava as imagens desse mundo e as transformava no laboratório.

**Recriação** - Essa lição foi aprendida pelo gênero. Michel Favre, por respeito, não pretende fazer um documentário linear, mas experimental. Vai recriar imagens de Geraldo de Barros com a devida autorização do artista, já classificado como a personalidade mais quixotesca da arte concreta brasileira. Amigo pessoal do suíço Max Bill, que trouxe o concretismo para o Brasil, ao participar da 1.ª Bienal de São Paulo, em 1951, Geraldo de Barros, um designer de formação socialista, sonhou com a utopia de uma Bauhaus brasileira, criando a Unilabor em 1954, comunidade cuja meta era produzir móveis com design arrojado para a massa.

É claro que essa consciência estava impregnada do pensamento político do crítico Mário Pedrosa, já morto, o mais influente da época. O documentário de Favre não se concentra no projeto político da dupla, mas vai ter depoimentos de outros críticos que conviveram com o artista nesse período. Convencido do papel social da obra de arte por intermédio de sua propagação industrial, Geraldo criou vários quadros geométricos em fôrmica, construídos na fábrica de móveis que fundou em 1964, a Hobjeto, auxiliado por seu assistente José Soares, marceneiro que trabalhou na Unilabor e participa do documentário.

**Política** - "O lado político dessa obra é muito importante, mas Geraldo nunca falava dele", conta o cineasta, ante as dificuldades que vai ter para reconstituir essa militância incentivada pelo trotskismo de Pedrosa. Há uma história muito engraçada que envolve os dois. Dispostos a lutar pela instalação do socialismo no Brasil, a dupla convocou uma reunião com um cartaz desenhado por Geraldo, que esqueceu um ponto de interrogação no "por que o comunismo e não o socialismo" do título. Os comunistas compareceram em peso, achando que era uma reunião contra os socialistas. Mário Pedrosa ficou uma fera.

O diretor suíço vai contar no filme a história do grupo Rex, formado por Geraldo de Barros, Nelson Leimer e Wesley Duke Lee em 1966. Era uma galeria inusual, na qual os artistas realizavam performances malucas e contestavam as leis do mercado de arte, denunciando o provincianismo e a subserviência dos consumidores burgueses. "Essa idéia de produzir uma arte brasileira para afastar-se dos modismos e livrar-se da influência do mercado de arte estrangeiro, principalmente europeu, não tem nada a ver com nacionalismo", analisa Favre, que abriu mão dos depoimentos de historiadores no documentário.

**Designer** - Numa linha que segue, de certo modo, conceitos de Argan, o crítico italiano que associava a evolução da arte com a das cidades, o cineasta suíço vai mostrar como a modernização da cidade de São Paulo deve muito a figuras como Geraldo de Barros, que instalou a idéia do moderno design produzido em escala num país dominado pela idéia da exclusão social. "Mário Carneiro vai fotografar todos os lugares de São Paulo que foram importantes para a construção da obra de Geraldo", adianta. Ele começou como expressionista, pintando paisagens do Brás e do Tatuapé, pouco conhecidas, mesmo por quem se acostumou a ver suas pinturas da fase pop e as obras concretas.

A família do artista conserva uma centena de obras em sua coleção particular. Todos os museus de São Paulo, segundo a filha Fabiana de Barros, têm trabalhos doados pelo artista, entre eles o Museu da Imagem e do Som, que guarda parte da obra fotográfica de Geraldo de Barros. O filme de Michel Favre vai mostrar, até mesmo, a obra final, que ele chamou de sobras, por reunir fragmentos de sua história pessoal em fotografias recortadas e remontadas pelo artista pioneiro, morto aos 75 anos de embolia pulmonar e complicações advindas de uma isquemia cerebral.

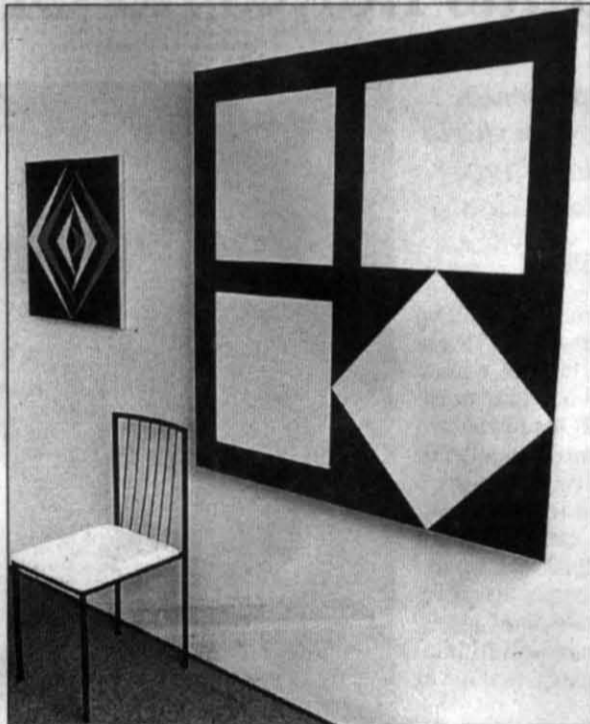
**Como Designer, ele tentou levar a modernidade para o interior das casas de trabalhadores**



O diretor suíço Michel Favre com uma foto de Geraldo de Barros nas mãos: experimentação como meta aproximou as duas cabeças



Auto-retrato de Geraldo de Barros (1949): na retrospectiva alemã



Dois quadros do artista realizados nos anos 50 e uma cadeira de metal e plástico desenhada por ele em 1955: um ano antes foi criada a Unilabor, espécie de Bauhaus brasileira

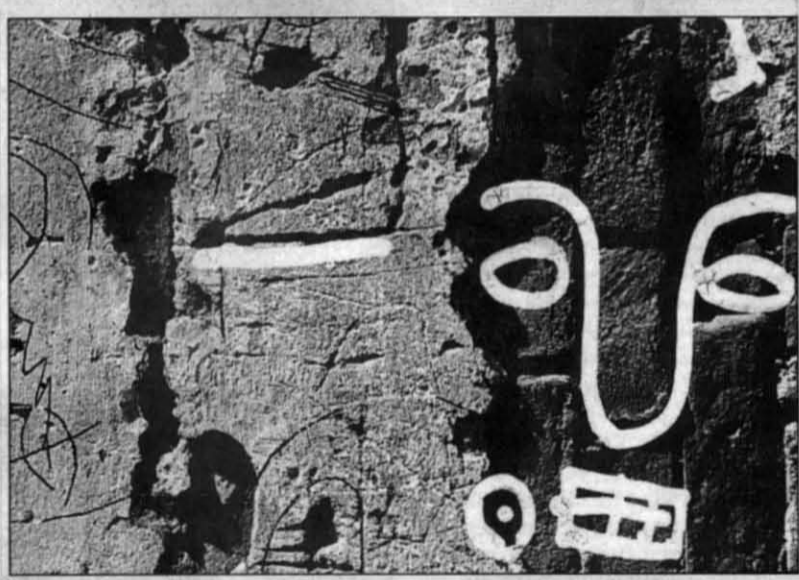
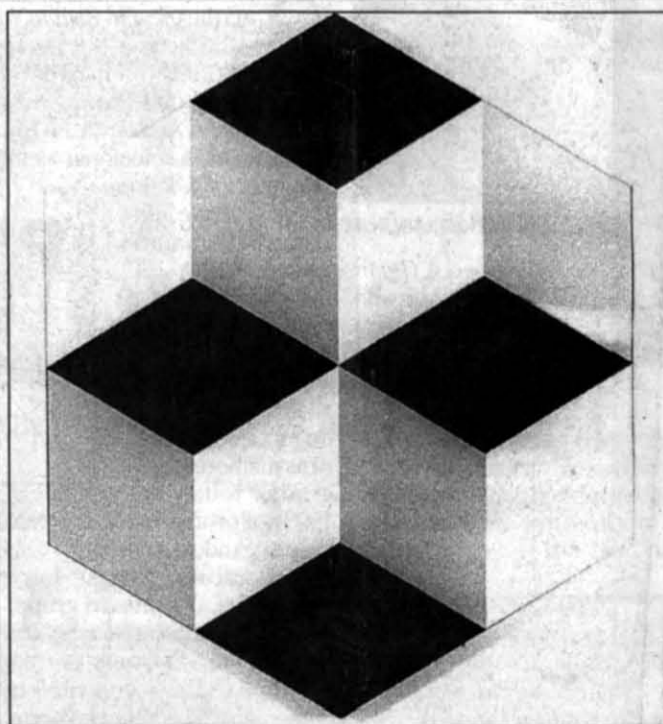
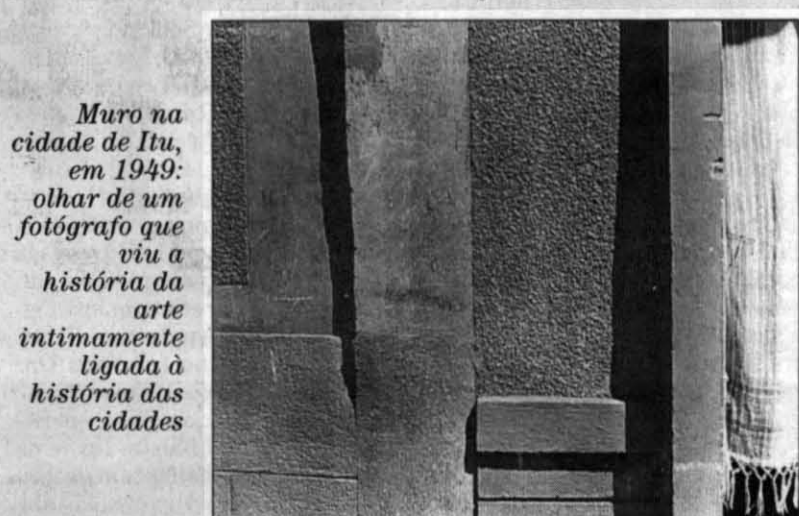


Foto de Geraldo de Barros com intervenção da ponta seca: ousadia



Cubo, marca registrada: Bill divulgou obra na Europa



Muro na cidade de Itu, em 1949: olhar de um fotógrafo que viu a história da arte intimamente ligada à história das cidades